

The background of the entire cover is a vibrant, textured painting. It depicts a woman with long dark hair floating in a sea of swirling, deep blue and teal water. She is surrounded by a multitude of small, colorful flowers in shades of pink, yellow, and white. The overall style is expressive and dreamlike, with visible brushstrokes and a rich, saturated color palette.

LRDO

Primeiras Impressões



EDITORA
KIRON

*Primeiras
impressões*

LRDO

*Primeiras
impressões*



EDITORA
KIRON

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

© Todos os direitos reservados

Todo conteúdo presente nesta obra é
de inteira responsabilidade da autora.

AUTORA

LRDO

REVISÃO

Luana Signorelli

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Editora Kiron

CRIAÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA DA CAPA

Editora Kiron

Impressão e Acabamento

Editora Kiron

(61) 3563.5048 | www.editorakiron.com.br

R761

Oliveira, Lais Rodrigues de

Primeira impressões / Lais Rodrigues de Oliveira. – Brasília: Editora
Kiron, 2014.

ISBN 978-85-8113-349-2

1. Literatura. 2. Prosa narrativa. 3. Ficção. I. Título

CDU 82-3

Inspirado na obra *Orgulho e Preconceito*
de Jane Austen

Ao homem da minha vida, por seu
apoio constante.

À Lorelai, por sua companhia
inspiradora.

Ao Bolo e a Mini Me, por sua fé
inabalável em mim.

Sumário

Capítulo 1.....	07
Capítulo 2.....	32
Capítulo 3.....	71
Capítulo 4.....	89
Capítulo 5.....	107
Capítulo 6.....	129
Capítulo 7.....	163
Capítulo 8.....	183
Capítulo 9.....	215
Capítulo 10.....	243
Capítulo 11.....	263
Capítulo 12.....	283
Capítulo 13.....	301

Capítulo 1

“Você tem certeza sobre isso, Charlie? Este país é de terceiro mundo!”

“Na realidade, Fred, é um país em desenvolvimento. Cheio de potencial. Como suas aulas de Harvard deveriam tê-lo ensinado.”

“Em desenvolvimento é uma nova palavra para dizer pobre com riquezas naturais. Só tem macaco e mato neste lugar, Charlie. Onde você achará funcionários experientes? Ou um local adequado? Olha o caminho que tivemos que percorrer para chegar à ilha!”

“Meu querido amigo: estamos em uma cidade turística e propositalmente rústica. Faz parte do charme local. E acho melhor você tomar cuidado na hora de falar. Muitos dos brasileiros entendem inglês.”

“Também achou charmoso o fato de nossas calças ficarem com lama até metade da panturrilha?”

“Nem sequer deveríamos estar usando calças. É um lugar paradisíaco. Calças e sapatos são proibidos. Eu te avisei. Deveria ter trazido bermudas e chinelos, Fred. E olhe que espetáculo de casa. A vista. Como pode chamar um lugar destes de subdesenvolvido?”

Frederick sempre tivera dificuldades em discutir com seu amigo. Principalmente, quando ele tinha razão. Não gostara muito do vapor quente que soprou em sua cara ao descer do avião. Muito menos da pobreza que viram ao dirigir pelas estradas as quais os trouxeram a este lugar.

No entanto, era realmente paradisíaco. Desde o som das ondas batendo na areia ao azul do céu. Do cheiro de temperos exóticos enquanto passavam por casas e restaurantes à energia contagiante dos brasileiros.

O iate que Charles havia comprado para fazerem a travessia da cidade até sua ilha particular também ajudara. A viagem na água havia sido rápida, calma e deslumbrante. E a ilha mais parecia desenhada para ser perfeita.

Havia uma área mais aberta, na areia, onde a mansão, as piscinas e as quadras de tênis e futebol haviam sido construídas. Essa era a região voltada para a cidade. Do outro lado, uma pequena floresta tropical oferecia-lhes frutos e uma paisagem única.

Mesmo assim, não conseguia imaginar o amigo sendo dono de um negócio ali. Primeiramente, ele não tinha qualquer experiência no país. Antes de vir, Frederick havia pesquisado sobre as leis locais, e descobrira que se tratava de um dos países com as normas tributárias mais complexas (e numerosas) do mundo. Além disso, as burocracias para abrir um restaurante eram igualmente complexas. Um amigo seu, advogado, havia-lhe dito que isto era resquício da colonização portuguesa. Sem contar a corrupção. Todos sa-

biam que nos países “em desenvolvimento” tudo é feito com base em esquemas ilícitos. Era um conhecimento geral!

Ver o amigo tão animado o deixava desconfortável. Não queria vê-lo decepcionado, especialmente depois de todo o sucesso que vinha tendo com sua cadeia de restaurantes exóticos em Nova Iorque. Desejava, acima de tudo, convencê-lo de que abrir um restaurante naquele lugar seria um erro terrível, e ele perderia muito dinheiro se o fizesse.

E para que abrir um restaurante tão longe de casa? Não teria nada mais que dor de cabeça. Perderia mais tempo em voos que em seus restaurantes de fato. Queria ter um negócio em uma cidade mais quente e com praia? Que fosse em Miami. Ainda teria aquela sensação latina que a cidade oferece. De que mais precisava?

Ainda havia o perigo de se envolver com uma daquelas belas mulatas que eles viram ao longo do caminho. Conhecia de perto os perigos das latinas, sobretudo das brasileiras. Seu tio havia abandonado sua tia por uma mulher dali, vinte anos mais jovem. Ficou absolutamente enfeitado por ela. Parecia até que tinha recebido uma lavagem cerebral.

Frederick sabia que não corria tal perigo: não dava atenção a mulheres sem maiores consequências. Porém, esse não era o caso de Charles. Frederick achava-o ingênuo e manipulável demais.

Mais de uma vez, teve de ajudá-lo a sair de enrascadas, seja com amantes ou com falsos amigos. Suas intenções sempre eram as melhores, e exatamente por isso as pessoas sabiam usá-lo muito bem.

A última vez que algo do tipo aconteceu foi quando uma moça, com quem Charles havia passado somente uma noite, apareceu meses depois do caso, afirmando estar

grávida de seu filho. E Charles acreditou sem sequer fazer exame de paternidade, mesmo tendo se protegido de tal perigo na noite em questão!

Se não fosse por Frederick, no momento seu amigo provavelmente estaria criando filho de outro qualquer!

Se havia algo em Charles que Frederick não aprovava era exatamente sua fraqueza por mulheres. Pelo menos, seu amigo nunca havia se apaixonado de verdade. Suas aventuras eram numerosas, mas curtas. A história sempre era a mesma: ele conhecia uma bela jovem, achava que estava apaixonado, tinha um fervoroso caso de amor, até descobrir que não se tratava de nada a não ser uma paixão momentânea.

Por sorte, o caráter de Frederick não era o mesmo. Sempre fora extremamente cauteloso em suas relações. Não se deixava abalar por uma beleza enigmática ou um charme sensual. Seus sentimentos por mulheres eram tão lógicos quanto sua carreira.

Para que perder tempo com uma pessoa sem potencial de futuro? Frederick até teve casos inconsequentes quando era mais jovem, mas agora, aos trinta e um anos, precisava achar uma companheira que estaria ao seu lado quando chegasse ao ápice de sua carreira política: o Senado. E precisaria de muito apoio para alcançar seus objetivos. Inclusive o de seu amigo.

Sim, iria convencê-lo a desistir desta ideia. De qualquer maneira.



Enquanto arruma suas malas, Liz mal pode acreditar que já se passaram quatro anos. E foram os melhores

de sua vida. Morou em Boston com duas de suas pessoas favoritas: sua irmã, Jane, e sua melhor amiga, Charlotte, a quem as irmãs chamavam de Lotte. E ainda passava as férias com a família inteira na pousada dos pais, no lugar mais bonito do mundo, em sua opinião. A vida não podia ser melhor.

Seus pais nunca foram ricos, mas o sucesso de suas três pousadas em Búzios havia possibilitado uma excelente educação para as filhas, o que permitiu que Jane e Liz conseguissem bolsas de estudos do governo brasileiro para estudarem em universidades americanas. O trabalho que o tio Jardim lhes havia oferecido em sua loja de ficção científica também lhes havia ajudado a se sustentarem durante aqueles anos.

Todavia, agora era hora de se separarem. Liz voltaria para esta cidade em agosto, quando as aulas do mestrado começariam. Desta vez, sozinha.

Jane ainda estava esperando pela resposta do escritório de Nova Iorque. Se não fosse chamada (o que era quase impossível), faria um estágio em um escritório menor de Los Angeles, e uma especialização na UCLA. Ou seja, sem chance de voltar a Boston.

E sua amiga Charlotte, que acabara de se graduar em ciências políticas, estava em dúvida se arriscava algum trabalho em Washington ou se passaria um tempo trabalhando com os pais, sócios dos Benevides nos negócios das pousadas.

Pelo menos, Liz conseguira terminar as aulas da faculdade de Literatura um semestre antes do previsto; então, conseguiria passar os próximos seis meses em Búzios, com os pais e as irmãs mais novas e, quem sabe, até mesmo com sua melhor amiga!

Liz temia se separar de Jane e Lotte. Havia poucas pessoas no mundo que Liz podia dizer que amava de verdade. Jane e Lotte eram duas delas. Acreditava que poucos mereciam seu amor. Quanto mais conhecia o caráter humano, mais se decepcionava com suas inconsistências. Para ela, era cada vez mais difícil confiar em alguém.

Por isso, nunca havia se envolvido com nenhum homem. Eram todos tolos mentirosos! Chegou a se interessar por um ou outro, mas eles sempre acabavam por provar sua teoria: de que homens queriam apenas usar, manipular e descartar mulheres.

Não sonhava com o príncipe encantado, pois acreditava que eles somente existiam em romances de Austen, das irmãs Brontë ou de Gaskell. Não havia um John Thornton no mundo real. Ele apenas vagava nos sonhos de jovens ingênuas.

Sua irmã Jane era o oposto. Raramente via maldade em alguém, e quando lhe faziam mal, tentava sempre justificá-los. O mesmo ocorria com os homens. Jane havia namorado três vezes em sua vida (apesar de receber propostas indecentes dos mais variados rapazes quase que diariamente). Todas as vezes, acabou decepcionada.

Entretanto, Liz sabia que a maior decepção de Jane era nunca ter se apaixonado. Não de verdade. Sua irmã mais querida desejava encontrar sua cara-metade, ou alma gêmea, ou qualquer bobagem que fizesse Liz gargalhar. Se havia um ponto em que as irmãs sempre discordavam, era na fé em homens e relacionamentos bem-sucedidos.

Para uma, casamentos eram garantia de infelicidade. Para a outra, a única forma de estar realmente realizada. Contudo, havia um ponto em comum: se fossem se casar, que o fizessem por amor, não por pressões sociais ou familiares.

Lotte era diferente das duas. Ela buscava a todo custo alguém que pudesse lhe oferecer uma situação financeira confortável e lhe abrisse portas em sua carreira profissional. Para ela, o amor no casamento era mera sorte do casal. Não havia como prever a felicidade matrimonial até viver sob o mesmo teto que seu parceiro. A única coisa que a mulher poderia fazer a seu ver, portanto, era escolher seu pretendente com base em características sociais, intelectuais e financeiras que ela considerasse desejáveis.

Por valorizar sua lista de qualidades necessárias em um homem, Lotte nunca havia se envolvido seriamente com ninguém. Todos aqueles que preenchiam seu perfil não lhe davam a atenção. Lotte era uma mulher... desesperada.

Realmente, era bonita e inteligente, mas seu foco em homens acima de qualquer outra coisa na vida tornava-a, em muitas situações, uma mulher tola. Sua angústia em achar o parceiro ideal fazia com que seus relacionamentos não fossem duradouros. Se há algo que homens conseguem farejar a quilômetros é uma mulher à procura de um marido. E eles odeiam isso.

Após horas intermináveis arrumando malas, móveis e os objetos do apartamento, ele finalmente se encontrava vazio e elas, prontas para tomar drinques em seu bar favorito da cidade. Uma última vez.



Janaína Benevides não poderia estar mais contente. As pousadas que ela tinha com o marido e os amigos não podiam estar melhor: eram as mais procuradas da Região dos Lagos no Rio de Janeiro. E boa parte da responsabilidade pelo sucesso dos negócios era dela.

Ao menos, era o que ela achava. Além de extremamente simplória, Janaína era vaidosa. Seu marido de fato reconhecia que o talento de Janaína nas redes sociais havia ajudado as pousadas BenLoCo a ficarem mais conhecidas no mercado.

Fora Janaína de fato quem havia sugerido que reformassem cada pousada de acordo com um público alvo: para jovens, para casais em lua de mel, para famílias, para aventureiros. Por outro lado, a matriarca dos Benevides compensava sua ajuda nos negócios com os gastos exorbitantes, compras e cirurgias plásticas.

Juntando a reforma a uma estratégia de *marketing* digital muito bem planejada, os Benevides e seus sócios, os Lopes, não podiam pedir mais. Mal davam conta dos hóspedes que tinham! Dependendo da época do ano, havia listas de espera com dezenas de pessoas por quartos.

As festas promovidas por Janaína em Búzios também ficaram famosas em todo o país, para seu deleite. Nada lhe dava mais prazer que festejar, fazer compras e arranjar namorados para as suas filhas. Janaína considerava-se um excelente cupido, mas, infelizmente, a única filha que desfrutava dos talentos naturais da mãe era Lídia.

A matriarca Benevides nunca admitira em voz alta, mas sua princesa mais nova era também sua favorita. Era a mais parecida com ela. Era divertida, engraçada e a única que tinha paciência para acompanhar a mãe no salão de beleza ou nas comprinhas.

O marido e as filhas mais velhas desaprovavam as gastanças de Janaína, mas ela acreditava que tinha todo o direito. Como sempre dizia ao marido: “Afinal de contas, para que trabalhamos tanto?”

Duas das filhas já estavam formadas (e no exterior, ainda por cima), já trabalhavam e haviam conseguido bol-

sas para a universidade e Lizzie acabara de conseguir uma para seu mestrado. E as duas mais novas com certeza seguiriam pelo mesmo caminho. Maria já estava até se aplicando para bolsas no exterior.

Janaína achava o marido rígido demais com as filhas, mas admitia que seu rigor com os estudos eram recompensados.

A cereja do bolo para eles era que o país iria sediar dois dos mais importantes eventos do mundo nos próximos anos. E ambos passariam pelo estado do Rio de Janeiro. O que queria dizer mais e mais hóspedes! Mesmo que resolvessem vender as propriedades, teriam mais dinheiro do que poderiam gastar: o valor das propriedades que tinham havia mais que triplicado nas últimas duas décadas!

Ou seja, do ponto de vista financeiro, os Benevides não tinham com o que se preocupar. Nunca seriam multimilionários, mas teriam uma vida confortável e poderiam oferecer muito mais às filhas do que eles próprios tiveram.

No entanto, Janaína preocupava-se com a vida amorosa de suas meninas, em especial de Lizzie. Seu marido sempre entendera a filha, mas ela não a entendia. Janaína a amava com todo o coração, mas às vezes acreditava que Liz não podia ser sua filha.

Como poderia? Liz era lindíssima e tinha uma elegância natural. Todavia, não sabia usá-la! Nunca havia namorado sério, e Lídia uma vez lhe confessou que Liz era virgem, aos vinte e dois anos de idade! Quem quer uma frígida? Até a recatada Jane já não era casta.

Não obstante, Lizzie passaria os próximos meses com a mãe. E Janaína se aproveitaria disso para achar um excelente partido para ela. O problema seria achar alguém com o gosto da filha. Lizzie era extremamente intelectua-

lizada e cinéfila, algo não muito comum para mulheres na idade dela.

Enquanto as moças gostavam de ir a boates e gastar o dinheiro dos pais em lojas, Lizzie perdia-se em livrarias e bibliotecas, isso quando não passava o dia assistindo a filmes. Seria difícil achar um homem compatível em Búzios. Mas ela se esforçaria ao máximo.

“Mãe, mãe!!”

“Oi, Lídia, querida. O que houve?”

“Você não vai adivinhar! Sabe aquela ilha particular ma-ra-vi-lho-sa que estava vazia há quase dois anos?”

“Qual, Lídia? Aquela que pertencia à família Rebouças?”

“Isso! A sua favorita! Adivinha quem a comprou, mãe?”

“Rodrigo Santos! Eu havia ouvido falar que ele queria comprar uma casa aqui! Nem acredito! Não sabia que ele já estava rico o bastante para comprar uma ilha inteira! Nossa!”

“Não, mãe. É muito melhor. Foi um gato maravilhoso americano. E me disseram que ele é super-rico. A mãe faleceu há alguns anos e lhe deixou uma herança gigantesca. Parece que quer abrir um restaurante aqui, ou alguma coisa assim...”

“Rico? Americano? Sabe qual a idade dele, filha?”

“Uns trinta anos? Por aí...”

“Ele veio com alguém?”

“Acho que a irmã e um amigo.”

Parecia que alguém havia ouvido suas preces. Sem tempo a perder, Janaína envia-lhes três de seus preciosos convites para a famosa Festa de Ano Novo dos Benevides, com um bilhete dirigido ao rapaz, Charles Bing, conforme sua filha lhe explicou.

Quando seu marido lhe disse que mandaria todas as filhas aos Estados Unidos para falarem inglês fluentemen-

te, Janaína não via muita vantagem em gastar aquela fortuna que poderia comprar dezenas de bolsas Louis Vuitton. Bastava que elas falassem bem o bastante para entenderem seus hóspedes (como era o caso de Janaína).

Porém, agora ela entendia a razão disso tudo: fazia parte de um plano maior do destino. Uma de suas princesas estava destinada à riqueza americana. E seria logo a mais problemática de todas, Lizzie!

Claramente, Lizzie estava destinada a conhecer (e se comunicar, claro) com esse tal de Charles Bing. Era americano, rico, empresário e, certamente, intelectualizado. Seria tudo perfeito. Ele passaria o verão com sua Lizzie e se apaixonariam loucamente um pelo outro. Se tivesse sorte, haveria casório! Imagina, ter um familiar americano rico?

Janaína sentou-se em seu sofá com pele de onça imaginando a lua de mel dos dois, na Riviera Francesa. Decerto, levariam o cupido junto: ela.



Liz, Jane, Maria e Lúdia estão colocando as fofocas em dia. Estão todas no quarto que agora Jane e Liz dividem, já que o antigo quarto da irmã mais velha fora transformado em academia no mesmo mês em que ela fora para Boston.

“Para que um quarto para cada uma? Quando acabarem a faculdade, pelo menos Jane estará casada, pode escrever o que eu digo!”, sua mãe dissera. E, de fato, as filhas não passariam mais de alguns meses (quando muito) por ano em Búzios. Então, realmente era desnecessário terem quartos separados.

Da parte das irmãs mais novas, não havia grandes novidades, a não ser pelo fato de Lídia ter sido expulsa de mais um colégio. Desta vez, foi de um internato de freiras no Rio, local para onde seu pai a havia mandado na esperança de amenizar os escândalos causados pela filha em Búzios.

Lídia também fora expulsa de um colégio local depois de ser flagrada no banheiro com um colega de classe. Segundo a diretora da instituição, a adolescente praticava atos libidinosos quando fora achada. Ambos foram convidados a deixar a escola.

Enquanto as irmãs mais velhas e o pai tentavam racionalizar com Lídia, a mãe a considerava injustiçada por ser “espirituosa”. Isso porque tinha somente quinze anos.

Maria, ao contrário, era uma adolescente de dezesseis anos que parecia ter o dobro de sua idade. Seus olhos verdes inocentes e seu sorriso meigo eram as únicas feições que demonstravam jovialidade. Era séria e comprometida, viciada em seu violão e seus livros filosóficos. Depois de passar um ano em Nova Iorque com sua tia Joana Jardim estudando inglês, decidiu que faria faculdade de psicologia na NYU. Seus pais não precisariam se preocupar com custos, pois ela certamente conseguiria uma bolsa de estudos e trabalharia na loja sede dos tios no Brooklyn. E aí voltaria, a fim de se dedicar a pagar tratamentos de saúde a crianças humildes sem condições.

Jane e Liz ouviam as irmãs com cuidado, aconselhando-as (no caso de Lídia, censurando-a) quando devido. Enquanto se arrumavam para a festa, Lotte chegou para surpreendê-las com uma novidade: o novo dono da Ilha Paraíso (o nome dado por seu proprietário anterior), assim como seu amigo. Ambos eram de Harvard, e ela saiu com um rapaz que estudou com os dois.

Charles Bing era conhecido por ser fanfarrão, mas simpático e trabalhador. Havia abandonado o curso de Administração para abrir um restaurante em Nova Iorque. A família inicialmente foi contra, já que são da indústria do petróleo e desejavam que Charles os ajudasse com as empresas. Contudo, ele provou que merecia a independência nos negócios. O sucesso foi tão grande que ele hoje é dono de seis dos restaurantes mais badalados da cidade que não dorme.

Seu amigo chamava-se Frederick Darcy, de uma família tradicional americana. Ele também estudou em Harvard e, ao contrário de Charles, graduou-se com honras. Seu pai foi Governador de Massachusetts, o tio foi Senador pelo mesmo Estado e o avô chegou à posição de Vice-Presidente dos Estados Unidos.

Obviamente, havia grande expectativa em relação ao futuro político de Frederick, que já contava com um currículo impressionante para a idade: já havia sido assessor do Governador e até mesmo Vice-Prefeito de Boston! Dizia-se que seu próximo passo seria a candidatura para Vice-Governador de Massachusetts.

Quando a notícia chegou aos ouvidos de Janaína, seus planos mudaram: esse tal de Frederick Darcy é quem seria perfeito para Lizzie! Imagina, ter uma Primeira-Dama na família!



Os convidados começaram a chegar e encher o belo quintal da casa dos Benevides, mas nada de Charles e seu amigo. Janaína estava ansiosa para vê-los. Ainda não havia conseguido cruzar com nenhum deles, apesar de suas diversas tentativas.

Jane estava deslumbrante com o vestido curto de alças no mesmo tom de azul que seus olhos. Ela não gostava muito da tradição brasileira de usar branco na noite de Réveillon. Seus cabelos loiros, longos e ondulados estavam soltos, dando-lhe um ar de deusa grega. Janaína achava sua maquiagem fraca demais, mas o sol já havia deixado sua pele levemente dourada, então o *blush* realmente não era necessário agora. Para melhorar, o vestido de tecido fino realçava seu corpo curvilíneo. Se tinha algo que deixaria os americanos boquiabertos era isso: certamente não havia loiras gringas com aquele corpo!

Lizzie também estava muito bonita, apesar de não ter a mesma sensualidade de Jane, embora fosse muito mais elegante que a irmã. E ela usava a cor típica do Ano Novo no Brasil. Ostentava um vestido branco tomara que caia rendado, deixando suas pernas torneadas à mostra. O branco fazia um belo contraste com sua pele, bronzeada mesmo depois de menos de uma semana em Búzios.

No entanto, o que Janaína mais admirava em sua filha eram seus olhos, que havia puxado do pai. Eles eram amendoados e de cor âmbar. O pai e a filha eram as únicas pessoas as quais Janaína havia conhecido com olhos daquela tonalidade. E sabia que a característica peculiar da filha não passava despercebida pelos homens.

No resto, Janaína também não achava defeito em Lizzie: cabelos tão longos e sedosos quanto os de Jane, só que pretos. Corpo tipicamente brasileiro: seios pequenos, cintura fina e quadril largo. E, como Liz era fã de esportes e corrida, tinha músculos firmes e tonificados.

As duas conversavam animadamente com Lotte. Janaína sempre teve pena da moça. Era uma mulata de pai negro e mãe branca, de belos traços finos e adoráveis ca-

belos encaracolados. Porém, não havia nada mais que um rosto de boneca e uma voz de rouxinol. Era extremamente preocupada com a opinião masculina e lhe faltava autoconfiança, o que a tornava, aos olhos de Janaína, sem graça.

Além disso, sua falta de graciosidade era salientada quando estava ao lado de suas duas filhas mais velhas. E o pior é que sempre estava com elas. Quando um homem a notaria enquanto ela estivesse com as duas beldades? Nunca, pensava Janaína. Que pena, porque era uma menina de ótimo coração e caráter.

A senhora Benevides acreditara que a grande chance de Charlotte seria quando morasse nos Estados Unidos. Os gringos branquelos eram doidos por uma bela mulata brasileira. Entretanto, todo ano no verão, Charlotte voltava solteira. E, ao contrário de Lizzie, não era por opção.

A matriarca da família Benevides estava perdida em seus pensamentos, quando Charlotte aproximou-se dela com Lizzie e Jane para lhe avisar que Charles Bing, sua irmã e Frederick Darcy haviam chegado.

“Finalmente! Achei que não chegariam mais!”

Janaína retoca o batom vermelho, ajeita os cabelos das filhas e chama o marido para receber os convidados ilustres.

Imaginava que o rapaz e a moça ruivos fossem os Bings. E eram muito atraentes. A moça, como toda bela gringa americana, era magra demais, mas alta, elegante e tinha um rosto de rainha do gelo. As sardinhas do seu nariz combinavam com as de seu irmão, e Janaína as achava adoráveis.

Charles não era tão alto quanto a irmã modelo, mas era tão elegante quanto, e sem a sua magreza. Claramente, era um homem que gostava de musculação, para o deleite dela. “Não há nada de errado em olhar!”, pensava Janaína,

por mais que soubesse que ele estava destinado a uma de suas filhas.

O que mais gostava nos dois, que o terceiro do grupo não apresentava, era o simpático sorriso em seus lábios. Eles agradeceram pelo convite, e foram absolutamente adoráveis. Charles era muito informal e simples, e sua irmã também não deixava nada a desejar no quesito amabilidade, apesar de ser mais fria.

O terceiro era diferente. Homem extremamente educado, só que também radicalmente formal, Frederick Darcy passou logo a impressão de ser um homem importante. E era, de longe, o homem mais alto da festa. Janaína calculou mentalmente que deveria medir mais de um metro e noventa!

A matriarca dos Benevides ainda não decidira se aprovava ou não suas feições. Ela julgava a beleza ou feiura dos homens muito mais baseada na forma como a tratavam do que, bem, nas características físicas em si.

Só sabia que não poderia jamais chamar Frederick Darcy de horroroso. Seus olhos azuis formavam uma interessante contraposição entre seus cabelos lisos e castanhos escuros e sua pele branca. Seu corpo também não era dos piores: os ombros eram largos e a postura era a de um atleta. Talvez nadador?

Contudo, o homem era tão sério que Janaína calculou que ele somente poderia se dar bem com Mary.

Caroline e Charles Bing iniciaram imediatamente uma conversa animada com Jane. Charlotte e Lizzie continuaram discutindo sobre um filme do tal de Hitchcock que haviam assistido na noite anterior. Janaína nunca havia entendido o gosto da filha por filmes, mas seu marido (e Mary) viviam dizendo que ela era impecável quando se tratava de cinema e livros.

“*Whatever*”, pensava Janaína. Desde que começara seu curso de inglês, havia aderido algumas expressões do idioma em seu próprio vocabulário.

Observando todas as filhas entretidas, foi até o bar buscar um Cosmopolitan. Seu trabalho aquela noite estava feito. Agora era com elas.



Mal conhecera a bela Jane, Charles já estava encantado. Ela era inteligente, uma advogada recém-formada e com uma carreira brilhante pela frente, embora não fosse prepotente (ao contrário de seus amigos do Direito), e era incrivelmente divertida.

Eles tinham muito em comum: Jane adorava comidas exóticas, e um de seus passatempos favoritos era experimentar novas receitas, que oferecia à irmã Liz para provar. Ele também aprovou sua irmã Liz, a qual era engraçada, sarcástica (sem ser ofensiva) e culta.

Charles queria desesperadamente chamar a beldade carioca para dançar, mas não conhecia aquelas músicas e não tinha os quadris soltos como os brasileiros à sua volta. Por sorte, o DJ começou a tocar umas baladas mais leves, românticas. Assim que começou a tocar “*Kiss me*”, Charles pediu licença a Liz e convidou sua irmã mais velha para a pista.

Era a oportunidade perfeita para poder tocá-la sem parecer inconveniente. Jane era simpática, mas não parecia ser o tipo de mulher que permitiria que um estranho a tocassem sem motivo. Sua timidez lhe oferecia um charme extra, e ao final da música da banda *Sixpence None the Richer* ele já se sentia apaixonado.

Levou a moça até uma mesa no canto do jardim, escondida pelas sombras e tão perto do mar que era possível ouvir suas ondas chegando. O lugar perfeito para uma noite que ele sentia que seria igualmente perfeita.

Conversaram sobre suas receitas favoritas, sobre experimentos malsucedidos na cozinha, sobre a possibilidade de Jane ir morar em Nova Iorque, único local do mundo que Charles considerava sua casa.

Surpreso consigo mesmo, ele se abriu totalmente com aquela semidesconhecida, tanto a ponto de já estar convencido em se tratar de sua alma gêmea. Contou-lhe sobre sua família de origem texana, envolvida com a indústria do petróleo e política local, e que lhe pressionava constantemente para que ele se dedicasse aos negócios da família.

Jane ouviu ao desabafo pacientemente, e sentiu-se atraída por aquele homem, quem, mesmo sob a forte influência dos pais, seguiu a carreira que queria. E teve um grande êxito. Até ela já ouvira falar dos restaurantes de Charles, apesar de nunca neles ter ido.

Inicialmente, ela temeu que o rapaz não passasse de um garanhão que estava procurando uma aventura para aquela noite. Porém, ao longo da conversa, sua impressão mudou. Ao ouvir falá-lo com tanta paixão de seus restaurantes, dos lugares que queria visitar e das comidas que queria experimentar, sua restrição inicial foi substituída por admiração. E atração, até.

Jane sabia que deveria ser reservada perto deste homem. A química à primeira vista que sentiu por Charles deveria ficar guardada a sete chaves. Ela não seria mais uma na longa lista de conquistas que aquele homem atraente (e rico) certamente tinha.

O deleite de ambos com a companhia um do outro os deixou tão concentrados em cada palavra, cada gesto que se passava entre os dois, que eles não perceberam o *show* de Lídia a poucos metros dali.

A descarada caçula da família estava, mais uma vez, envergonhando a si mesma, a suas irmãs e a seu pai com sua postura escandalosa. Apenas a mãe não via nada demais nas extravagâncias da filha.

Apesar de menor de idade, Lídia já bebia mais que as irmãs mais velhas, sempre escondida dos pais. E hoje não havia sido uma exceção. A morena de cabelos tingidos de loiro e lentes de contato azuis poderia ser adorável, se não fosse tão vulgar e desbocada.

Depois de beber algumas doses de tequila que conseguira roubar do bar, a garota, já embriagada, dançava alucinadamente sobre uma mesa central da festa, sob o olhar crítico e chocado de Caroline Bing e Frederick Darcy.

Ao menos, Lídia não embarçou sua família e vizinhos por muito tempo: Liz logo avisou ao pai, que a tirou da festa e a trancou em seu quarto.



Percebendo que Charles estava distraído com sua irmã mais velha, Liz se esforça para entreter a irmã e o amigo do agradável rapaz. Mas não sabia que a tarefa seria tão difícil. Ao contrário do que imaginou logo que foi apresentada a Caroline, a colega de profissão de sua irmã Jane era arrogante e estava claramente entediada.

Frederick Darcy, por outro lado, era exatamente o que parecera ser quando chegou à festa de Ano Novo dos Benevides. Antipático, sério e mal-humorado. Liz tentou

animá-lo de várias maneiras, porém o homem somente lhe deu atenção quando a ouviu conversando com Lotte sobre *Janela Indiscreta*, um de seus filmes favoritos de Hitchcock.

“Não sabia que brasileiros tinham um gosto tão refinado”, disse-lhe Frederick, em um tom que ofendeu profundamente Liz.

“Pois é. Às vezes, filmes mais alternativos chegam até o fim do mundo”, respondeu Liz, ironicamente.

“Pois é. Pelo jeito é assim mesmo. Mas tenho que partir do pressuposto que você entrou em contato com uma cultura mais avançada durante seus anos em Boston.” Claramente, Frederick não havia entendido o sarcasmo no comentário de Liz, e apenas aprofundou o desaforo que havia lhe dirigido.

O que ele pensava? Que eles eram analfabetos idiotas? Liz havia conhecido muitos americanos ignorantes que tratavam o Brasil (e os brasileiros) de uma forma preconceituosa e caricaturada. No entanto, não esperava tal atitude dos amigos de Charles, um homem tão gentil e cosmopolita.

Quando o DJ começou a tocar músicas mais lentas, o indesejável Darcy e Caroline Bing abandonam-na sozinha à beira da pista para dançarem juntos.

“Esses dois se merecem. Deveriam se casar”, pensa a bela morena, chocada com a grosseria dos convidados estrangeiros.

Liz foi em seguida para uma roda de conversa com Lotte e outros amigos de Búzios, e rapidamente esqueceu-se dos dois americanos pedantes.



“Ele é maravilhoso. Bom demais para ser verdade, Lizzie.”

“Geralmente, quando é assim, quer dizer que é realmente bom demais para ser verdade, Jane. Homens como Charles Bing ou o *senhor* Darcy têm mais pretendentes correndo atrás deles do que podem dar conta. É melhor não se meter com nenhum deles, mana. Ao menos, até conhecê-los melhor.”

“A irmã de Charles, Caroline, parece ser uma moça adorável, não?”

“*Adorável*”, comentou Liz, debochada.

Sua irmã mais velha sempre teve a inclinação a gostar de todo mundo e ignorar seus defeitos. Isso fazia dela uma pessoa mais leve e otimista que Liz, mas também muito mais vulnerável às maldades e crueldades da alma humana. Decepcionava-se com quase todos que conhecia, por sempre partir do pressuposto de que eram pessoas de caráter incorruptível.

Liz lembrava-se do namorado de longa data de Jane, de quem chegou a ser noiva. Foram cinco anos de relacionamento durante todo o colegial. Liz sempre o achou mulherengo, daqueles homens que paqueravam com qualquer mulher que lhe desse a menor atenção. Entretanto, nunca soube da verdadeira traição à Jane. A não ser quando as irmãs se mudaram para os Estados Unidos. Liz foi concluir o colegial por lá, enquanto Jane começava o curso de Direito com bolsa parcial que havia conseguido graças a suas habilidades com o vôlei.

Em menos de um mês fora do Brasil, as traições começaram. Era suposto que Bruno (este era o nome da criatura) as visitasse dois meses após sua partida, mas o noivado não aguentou muito tempo de separação. Tão logo

confirmadas as suspeitas de infidelidade (e foram mais que poucas), Jane pôs fim ao relacionamento.

O rapaz bem que tentou se reaproximar de Jane diversas vezes, amargamente arrependido de sua fraqueza carnal, mas a moça não lhe dera qualquer esperança: não havia nada mais imperdoável para ela que a mentira.

Liz ficou contente por um lado, pois, apesar do sofrimento da irmã com a separação, sabia que ele seria passageiro. Sabia que Jane merecia mais. A questão na verdade era que nenhum homem seria jamais bom o suficiente para sua irmã mais querida.

“Meu pai me contou que Lúdia bebeu escondido mais uma vez”, comenta Jane, arrancando Liz de seu sonho acordado.

“Sim. O que faremos com ela, Jane? Não há limites para sua imprudência? Ela consegue ser mais insensata que mamãe! E mais escandalosa também. Sem contar, muito mais problemática.”

“Você descobriu o que houve no internato, Lizzie?”

“O mesmo que aconteceu todas as outras vezes em que ela se meteu em confusão. Rapazes. Aparentemente, uma das freiras a pegou com um adolescente na cama. A Maria ficou sabendo da história por cima, mas disse que foi vergonhoso. Como é tudo o que envolve Lúdia. Você tem sorte que Charles não viu nada. Lúdia é capaz de afugentar qualquer homem”, gargalha Liz.

Jane continua séria e pensativa. Sabe que a irmã fez uma brincadeira, mas de fato sua irmã mais nova podia ser um perigo para ela mesma e para a reputação da família. Liz não se importava, pois nunca havia se preocupado com o que pensavam dela. Jane tentava fazer o mesmo, mas por vezes não conseguia.

Por algum motivo, ainda inconsciente, Jane queria impressionar Charles Bing. E, para tanto, precisaria causar uma boa impressão em seu amigo e sua irmã. E sabia que os dois haviam assistido ao circo que Lúdia havia causado. Certamente, contariam a Charles. O que ele pensaria disso?

“É um conhecimento universal que o homem, por mais apaixonado que esteja, não fica com uma mulher se sua família o desagrada”, reflete Liz.

Oras, e por que ela estaria preocupada com isso? Afinal de contas, mal conhecia Charles Bing. E, pelo que Liz lhe havia dito, seu amigo era um tanto quanto esnobe. Deveriam estar falando mal da família delas naquele momento.



“Que lugar brega, Charlie! Tenho que admitir: é lindo, agradável e o pessoal daqui é simpático, mas, por favor! Quem aqui seria o público para o seu restaurante?”

“A família Benevides parecia ter bom gosto.”

“Não, querido irmão. A única ali que tem bom gosto é a moça com quem dançou. Devo admitir que ela tem realmente um intelecto do nosso nível.”

“A irmã dela, a tal de Liz, também é inteligente, se não fosse tão atrevida”, complementa Frederick.

“E acreditar que essa tal de Liz é considerada bonita neste buraco. Cheguei a ouvir alguns se referindo a ela como *deslumbrante*”, afirma Caroline.

“Decerto, ouviu os elogios da boca da mãe delas, Caroline”, diz Frederick, fazendo a bela ruiva gargalhar.

Charles estava desconfortável com os comentários maldosos dos dois, mas não fazia parte de seu feitio confrontar ninguém. Em vez disso, mudou de assunto.

“Vocês podem dizer o que quiserem, mas achei este lugar maravilhoso, e com uma energia fascinante.”

“A única coisa de impressionante a respeito deste lugar, Charlie”, avalia Caroline, “é a capacidade dessas pessoas de viverem nesse calor insuportável e com tamanha quantidade de mosquitos.”

“Tenho que discordar de você desta vez, Caroline. Concordo com Charlie sobre a energia e a beleza únicas deste local. Mas compartilho de sua preocupação a respeito do potencial de clientela para um restaurante no nível dos seus, Charlie. Quem iria? Talvez a Jane e a irmã, mas quem mais? A mãe delas?”

Como sempre, Caroline gargalha com vontade, tentando agradar o melhor amigo de seu irmão. Tentava ao máximo ter momentos a sós com ele, mas isso se tornava cada vez mais difícil. Quando Charlie e Fred estudavam juntos em Harvard, era mais fácil se encontrar com ele sem levantar suspeitas, pois sempre podia justificar uma visita ao irmão.

Só que agora, Charlie e Fred viviam em estados diferentes. Sobrava a Caroline ficar atenta quando os dois combinavam de se encontrar e viajar juntos. Eram suas únicas oportunidades de passar um tempo com Frederick Darcy sem que ninguém notasse suas intenções.

Mal sabia ela que a moça audaciosa que ela havia conhecido mais cedo, Liz, já tinha deduzido seu plano em relação a Frederick. Liz também já havia captado a total falta de reciprocidade na atitude dele.

“Não sei quem iria gostar de meu restaurante, só sei que me diverti muito hoje”, reflete Charles. “Nunca havia visto mulheres tão bonitas em toda a minha vida!”

“Você deve ter realmente se divertido, Charlie, pois

passou a noite com a única mulher verdadeiramente interessante daquela festa.”

“Fred, mesmo você tem de admitir que sua irmã, Liz, também é encantadora!”

Caroline prende a respiração para não perder uma palavra sequer de Frederick. Quer saber o que ele realmente achou de Liz. Podia estar enganada, mas o viu olhando vezes demais na direção da moça.

“Meu amigo, ela seria encantadora se fosse gentil como a sua Jane. Mas sua postura e palavras são cobertas de sarcasmo e de uma pretensão de superioridade que acabam com qualquer charme em potencial. O máximo que posso admitir que ela possui é uma beleza exótica. Realmente, não há espécimes como ela nos Estados Unidos.”

Caroline e Charles entreolharam-se diante do comentário grosseiro de Frederick. E começam a gargalhar. Ao contrário das pessoas que não o conhecem bem, os dois já se acostumaram com o jeito bruto do amigo de falar. Especialmente de mulheres.

“Espécimes? Elas são animais agora? Daqui a pouco, falará de mulheres como se fossem éguas!”, Charles diz, entre risadas.

Frederick Darcy deixa a seriedade para se juntar aos amigos. Riem até seus abdomens doerem. Era o que Frederick mais admirava em Charlie: sua capacidade infinita em transformar em piada a mais séria das conversas. Às vezes, isso chegava a incomodá-lo. Mas não agora...



Capítulo 2

No dia seguinte à festa, o casal Benevides deu o dia de folga para suas quatro filhas. Elas haviam trabalhado muito na última semana e mereciam aproveitar o dia ensolarado de Búzios. Liz e Jane usaram o tempo livre para passar o dia em sua praia favorita da cidade: Ferradura.

A praia ficava em um local privilegiado: dentro de uma baía e cercada por montanhas. Quando estava vazia, seus visitantes sentiam-se como se fossem os últimos seres humanos da terra, destinados a desfrutar daquele éden. Porém, nos últimos dias, Ferradura estava sempre lotada.

Entretanto, com o passar das festas de Ano Novo, alguns dos turistas iam embora, voltando às suas vidas urbanas nas capitais brasileiras. A cidade estava menos cheia. Mesmo assim, ainda haveria muitos turistas em Búzios até o final do verão, como acontecia todo ano.

Ainda era cedo (para os parâmetros de uma cidade turística brasileira), e as meninas encontraram seu oásis favorito vazio. Eram as águas mais agradáveis da região. Como ficavam pela baía, em formato de ferradura (o que deu origem ao nome), as águas daquela praia não eram frias como costuma ser no Rio de Janeiro. Não chegavam a ser mornas como aquelas da Bahia, estado onde seu pai nasceu, mas eram confortáveis e refrescantes.

Este também era o melhor horário para se bronzear. Apesar de já estar quente, mesmo às oito da manhã, o calor ainda era suportável e o sol não estava forte o bastante para queimar a pele sensível de Jane.

O mar estava tão azul quanto o céu, e as meninas passaram um tempo em silêncio, admirando o cenário paradisíaco no qual o Oceano Atlântico encontrava-se com belas colinas verdes. O cheiro de sal era agradável, assim como a deliciosa melodia das ondas dançando pelo mar até a areia branca.

Como sentiam falta desta cidade! As duas somente se lembravam disso quando estavam aqui. Não importava onde estivessem, nenhum lugar seria comparável a este. Ambas haviam viajado muito, mas concordavam que nenhuma beleza natural no mundo era tão impressionante como a brasileira.

Quando a praia começou a encher, as meninas decidiram que estava na hora de se retirar. Estavam na dúvida se daria tempo para andarem de canoa na praia em frente à casa dos Benevides ou se prefeririam relaxar na piscina, quando esbarraram com Charles.

Eles não se viam desde a festa de Ano Novo, há cinco dias. Charles lhes disse que estava a caminho da marina, onde deixara o barco, e lhes convidou para passar o dia com

ele, Frederick e Caroline. Eles planejavam mergulhar para curtir a alta visibilidade da água naquela manhã.

Liz não estava disposta a gastar o dia de folga com aquelas duas pessoas desagradáveis, mas o olhar de sua irmã implorava por companhia. Então, ela aceitou. E os sorrisos de Jane e Charles confirmaram que ela tomara a decisão acertada.



Depois de pegar algumas coisas para o dia fora, as meninas foram com Charles até a ‘lancha’. Esperavam um barco comum, mas haviam se esquecido que não havia nada de comum com esses estrangeiros.

Era um verdadeiro iate, com dois andares e até uma *jacuzzi*. Havia um sofá do lado de fora protegido do sol por um painel do segundo andar que Liz logo identificou ser o ponto perfeito para a leitura do livro que trouxera.

Caroline e Frederick não esconderam a surpresa ao ver as duas irmãs com Charles, ela com claro desapontamento e ele, confuso. Liz voltou a questionar a decisão que tomara. “Não, tenho que fazer isso por Jane. Ela não parou de falar desse Bing desde a festa”, ela dizia para si mesma.

A temperatura já batia nos vinte e oito graus, e a sensação térmica passava dos trinta. Caroline Bing parecia incomodada com o calor. Carregava um pequeno ventilador portátil contra o rosto.

Frederick estava, surpreendentemente, admirando a vista, e chegou até mesmo ao absurdo de fazer comentários sobre a beleza de Búzios. Sem perder a seriedade.

Charles, como sempre, estava bem-humorado e excitado com o passeio, principalmente com a presença de

Jane, de quem sentira muita falta desde que se conheceram.

Todos deixaram suas coisas na sala da parte de dentro do iate, e seguiram para a proa assim que o capitão lhes avisou que estavam saindo. Naquele momento, Jane e Charles já conversavam animadamente, e Caroline parecia tentar puxar assuntos com Frederick, mas fracassava a cada novo tópico. Ele respondia de forma monossilábica.

Liz achava curiosa a indiferença dele em relação à Caroline, pois os julgava um casal perfeito, mesmo fisicamente. Ela era magra demais para os padrões brasileiros, mas tinha uma postura elegante e sabia se vestir de modo a favorecer suas raras curvas.

Hoje, Caroline usava um biquíni vermelho, com um grande chapéu branco para proteger sua pele alva do sol escaldante e gigantescos óculos *Chanel*. A parte de cima era tomara que caia com bojo, o que dava a impressão de haver mais carne ali do que de fato existia.

Liz olha para sua própria roupa de banho e vê como é simples se comparada à da companheira de barco. Usava um biquíni verde claro, com a parte de cima de cortininha e a de baixo de lacinhos nos lados, como típico no Brasil. Ao menos, podia se orgulhar de seu corpo e do bronze que já tinha alcançado.

No entanto, por que se preocupava se estava bem ou não? Certamente, não se importava com a opinião daqueles dois. E ela havia notado que Charles nem havia olhado para ela, o que lhe agradou bastante.

Colocou os óculos *Ray Ban* que havia comprado na promoção em alguma loja de Boston e relaxou. O vento trazia consigo uma sensação agradável, e Liz se deitou no canto esquerdo do chão acolchoado da proa e fechou os olhos, saboreando os sons e cheiros à sua volta.

Somente quando pararam, ela voltou ao mundo real. Foi quando percebeu que Frederick estava deitado ao seu lado, virado de frente para ela, apoiado em um ombro. Ele tinha um livro na mão, mas ela pôde perceber que ele a encarava. Voltou o olhar para as páginas no momento em que percebeu que ela havia acordado.

O que aquele homem estava olhando? Devia estar procurando algum defeito. Será que seu biquíni havia saído do lugar? Ela se checou em um milésimo de segundo, e verificou que estava tudo em ordem. “Estranho”, pensou...

Mas tudo era estranho naquele homem...



Depois de comerem um delicioso peixe assado com farofa à brasileira, Jane e Charles decidiram que estava na hora de fazerem um pouco de *snorkel*. Segundo o capitão, havia um belo coral nas rochas que estavam a uns vinte metros do barco, e os dois foram verificar.

Sabendo que desejavam ficar sozinhos, nenhum dos companheiros de passeio os acompanhou. Caroline anunciou que iria relaxar um pouco na *jacuzzi*. Liz queria muito experimentá-la, mas resistiu. Não valia a pena ter que aguentar os olhares raivosos daquela mulher. E, certamente, ela desejava ficar a sós com Frederick Darcy, o qual provavelmente a seguiria.

Finalmente, ela teria tempo de relaxar com seu livro. Tirou-o da bolsa e começou sua leitura, quando viu de relance alguém se sentando à sua frente. Frederick. Ele abriu o jornal *O Globo* do dia e começou a lê-lo.

“Você lê português”, Liz não segura a pergunta arranhando sua garganta.

“Quero aprender. Consigo ler em espanhol.”

“É mesmo?” Liz fica surpresa que ele tenha se dado ao trabalho de aprender uma língua do *terceiro mundo*, como ele havia se referido ao Brasil.

“Foi por causa de minha irmã. Ela é fanática por Gabriel García Márquez. Chegou a me ameaçar se eu não lesse *Cem anos de Solidão* e *O Amor nos tempos do cólera*... Mas não era suficiente lê-los. Georgy acha que uma grande obra tem que ser lida em seu idioma original, senão perde boa parte de seu conteúdo.”

Liz surpreende-se com o falatório de Frederick Darcy. Ainda mais com o carinho explícito com o qual falava de sua irmã. Era assim que ela própria falava de Jane? De qualquer maneira, o discurso de Frederick despertou um interesse em Liz pela tal de Georgy. Ela particularmente também era uma grande fã do escritor colombiano.

“Se deixou levar por sua convicção de que os seres humanos não nascem para sempre no dia em que as mães os dão à luz, e sim que a vida os obriga outra vez e muitas vezes a se parirem a si mesmos.”

Liz o recitou automaticamente, e em espanhol, deixando Frederick Darcy boquiaberto. O fato de seu inglês ser fluente já o havia impressionado, mas espanhol também? Sem perceber, ele começou a encará-la sem responder, e os dois entraram em um silêncio constrangedor, até que Liz o rompeu.

“Você comentou que aprendeu espanhol lendo obras clássicas na língua original. Por que não faz o mesmo com o português? Poderia ler obras de autores brasileiros...” Sugere Liz, arrependendo-se de ter dado continuidade à conversa no momento em que as palavras deixaram seus lábios.

“Minha irmã conhece pouco de literatura brasileira. Mas eu estou pensando em levar alguns livros para ela. O que você sugere?”

Liz estranha a normalidade da conversa. Por um lado, sente-se à vontade conversando com ele, pois o próprio Frederick parece relaxado pela primeira vez desde que se conheceram. Por outro, desconfia dessa mudança repentina, especialmente se comparado com o jeito carrancudo que ele manteve durante toda a festa de Ano Novo. E seu olhar fixo nela também a incomoda.

“Depende do gosto dela. Há tantas obras de que gosto. Vou sugerir três, cada uma escrita por um autor com um estilo bem diferente do outro. O que acha?”

“O que você achar melhor.”

“Hummm...” A boca dela fica seca. Os olhos de Frederick escurecem, e ela tem a impressão de que ele a está testando. “Então, eu recomendo *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector; *Dona Flor e seus dois maridos*, uma deliciosa comédia regional de Jorge Amado; e *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, para que ela possa entender um pouco de... bem, Brasil. Caso ela se interesse.”

“Ah, tenho a certeza de que ela vai se interessar.” Frederick responde quando termina de anotar as dicas literárias em seu celular.

Desejando terminar aquela conversa bizarra, Liz volta a seu livro. É quando seu misterioso companheiro faz algo ainda mais inesperado. Senta-se na cadeira ao lado da dela, e se inclina para enxergar a página que ela está lendo.

Frederick Darcy está tão próximo agora que Liz pode sentir seu perfume. Pode sentir sua respiração. Pode sentir seu rosto encostando em seus cabelos. O que ele está fazendo?

“O que você está lendo?” Ele sussurra.

“*Norte e Sul*, de Elizabeth Gaskell.” Liz sabe que deveria se afastar, mas permanece imóvel.

“Nunca ouvi falar. Está em inglês. Americano ou britânico?”

Por que ele quer saber? Céus! O que fazer para me livrar deste homem? Pergunta-se Liz, à beira do desespero.

É quando ela finalmente compreende: ele estava propositalmente deixando-a sem graça. Claro! Então, o remédio seria fazer o mesmo. Liz podia ser inexperiente em muitos sentidos, mas nunca deixara nenhum homem embarçá-la. E esta certamente não seria a primeira vez.

Liz vira-se em sua cadeira até encarar seu torturador. Os narizes deles quase se tocam. As pupilas de Frederick dilatam-se ainda mais, e sua respiração acelera. Porém, ele também não se mexe. Agora, Liz pode sentir seu hálito.

“Gaskell, a meu ver, é uma das autoras mais injustiçadas do mundo. Ela foi contemporânea (e amiga) de ‘celebridades literárias’ de seu tempo, como Charles Dickens e Charlotte Brontë. Entretanto, são poucos os que a conhecem. Ou a apreciam.”

“Prometo que vou ler sua obra.” Frederick diz sorrindo. “Sobre o que se trata?”

Liz respira fundo. O que fazer agora? Ele não se afastou. Pelo contrário: seus olhos estão praticamente pretos agora, quase não dá para ver o seu azul profundo. Ela engole a seco e responde à questão.

“Em poucas palavras, é um livro sobre preconceitos e estereótipos. Margaret Hale e John Thornton, o casal principal, vêm de dois mundos diferentes. Ela é originalmente do sul da Inglaterra do Século XIX, e ele, do Norte. Naquela época, havia grande produção e comércio de algodão

na região norte do país; então, eram cidades industriais. Mas o sul ainda era diferente, e o estilo de vida, mais campestre...”

Agora, era ela quem não conseguia se calar. Ele aguarda que ela continue. O que mais dizer? Ela sabe o que quer dizer àquele homem arrogante. Mas teria coragem?

“Basicamente, eles se julgaram mutuamente, baseados em ideias pré-concebidas que um tinha do mundo do outro. Em especial Margaret, que construiu em sua mente um caráter do senhor Thornton fundamentada por valores sulistas, quando deveria ter levado em conta a realidade do norte. Sabe? Uma coisinha chamada de empatia. Você me lembra Margaret.”

“Sim? Como?”

Liz esperava uma reação defensiva, mas não havia indignação na voz de Frederick Darcy. Não havia ela ofendido o ego daquele homem orgulhoso?

“Você julga o Brasil a partir de parâmetros americanos. Você quer nos avaliar? Então, tem de fazê-lo de acordo com *nossas* regras, não com as suas. Afinal de contas, paradigmas são estabelecidos a partir de perspectivas. Não há parâmetros certos ou errados. Há parâmetros adequados para determinada realidade.”

“Em outras palavras, você está questionando quem sou eu para falar bem ou mal do seu país.”

Novamente, uma afirmação livre de desprezo. Liz sente o sangue subindo por suas veias até suas bochechas, e espera que seu bronzeado disfarce seu constrangimento. Não era, nem de longe, a reação que esperava dele. Parecia até que ele havia... concordado com ela?

“Fred! Pode me ajudar, por favor? O sol está demasiado quente. Preciso de protetor solar.”

Liz era agnóstica, mas agradeceu a quem quer que tivesse atendido às suas preces. Caroline chamou por seu nome outras duas vezes antes que Frederick finalmente se levantasse para ir até ela.

Liz não sabia o que havia acontecido ali, mas faria de tudo para que aquele homem não tivesse outra chance de ficar a sós com ela.



Lídia tinha consciência de que era a menos favorecida de suas irmãs, no que dizia respeito a atributos físicos. Não tinha os seios fartos de Jane ou o corpo malhado de Liz, mas era muito mais sensual que as duas. Todos os rapazes gostavam dela. Entretanto, muitos deles achavam as duas metidas.

E a pobre Maria não era sequer comparável à Lídia. Podia ter lindos olhos verdes, mas eles ficavam sempre escondidos sob seus óculos. Podia ter um corpo curvilíneo, mas ninguém percebia por causa das roupas largas. Podia ter cabelos tão sedosos quanto os de Jane e brilhantes como os de Liz; mesmo assim, ela sempre os mantinha presos.

Lídia era diferente. Ela era sorridente, ao contrário da sisuda Maria; gentil, ao contrário da sarcástica Liz; e tinha grande facilidade de comunicação, ao contrário da tímida Jane.

Além disso, pensava Lídia enquanto se admirava no espelho, aquilo que não havia recebido de nascença, havia consertado. Exceto, claro, pela cirurgia plástica para aumentar os seios, que ainda não tinha permissão para fazer. Todavia, sua mãe já lhe havia prometido como presente de

dezoito anos. Quantas coisas poderia fazer quando completasse essa idade!

Lídia achava que ter de esperar outros quase três anos para poder fazer coisas divertidas como beber álcool e dirigir era tempo demais. Por isso, não havia esperado. “Para que esperar para aproveitar sua vida?” Perguntava-se a si mesma. Não iria. Iria curtir cada minuto como se fosse o último.

Ela deu uma última olhada em seu reflexo no espelho antes de sair para se encontrar com sua conquista de verão. Precisava pintar a raiz dos cabelos loiros tingidos, incluiu em uma lista mental. Porém, de resto, considerava-se perfeita.

As lentes de contato azuis que a mãe lhe dera quando chegou do Rio de Janeiro lhe caíam muito bem. Seu rosto angelical estava *sexy* com o batom vermelho, combinado com o biquíni. E, claro, seu bronzado estava tão bonito que até dava a impressão de que havia músculos naquele corpo magro.

Hoje não era seu dia de folga, de forma que ela teria de sair pela porta dos fundos. Não queria seu pai enchendo o saco sobre responsabilidades e dizendo que ela estava de castigo. “Injustamente, diga-se de passagem.” O pai lhe havia castigado pela expulsão da prisão das freiras. O que poderia fazer?

As mulheres não a deixavam falar com qualquer rapaz. Nem sequer o gato do Felipe, com quem ela estava saindo havia umas semanas. Ela não queria ser freira como elas; então, não havia razão para ficar longe de Felipe ou qualquer outro.

Aparentemente, as irmãs não concordavam. Assim que a flagraram com o Felipe (e olha que ainda nem ha-

viam começado a fazer nada demais), mandaram-na para fora. Somente tivera tempo de avisar aos amigos de seus pais, os Lopes, que iria ficar um dia no apartamento deles.

Agora, estava tudo bem novamente. Especialmente, com um cara como o Marcelo para lhe fazer companhia. Ele era exatamente o que Lúdia gostava no sexo oposto: moreno, surfista, divertido e tinha dezoito anos. Não era criança, já era homem.

Mal chegaram à praia de João Fernandes, já encontram o casal do momento: Jane e Charles. Lúdia não entendia por que todos se referiam a *eles* como um casal, já que nunca haviam sido vistos fazendo nada a não ser conversar e exibirem aquela troca ridícula de olhares.

Lúdia percebeu de imediato que naquele momento faziam o mesmo: nem repararam na irmã ou no seu amigo especial, tamanha a distração um com o outro.

A caçula da família Benevides não entendia como a irmã mais velha podia ser tão inexperiente! Certamente, aquele americano bonitão iria desistir dela e procurar uma brasileira mais... impudica.

Liz assustou Lúdia e Marcelo ao se sentar repentinamente ao lado dos dois, sem sequer trocar uma palavra com eles. A caçula sabia muito bem o que ela estava fazendo. Desde que começara a ficar com Marcelo, a irmã não lhe tirava o olho. Vivia dando sermões chatos de como uma mulher deve se preservar e não pode ser indiscreta sobre suas atividades íntimas...

“*Carpe diem*, Liz!”, pensava, enquanto a irmã lhe dizia aquelas bobagens.

A irmã Jane finalmente deixou Charles e vinha em direção às moças.

“Caroline mandou um recado por Charles”, conta-

lhes Jane, animada. “Ela quer que eu passe a noite lá na ilha, para poder jantar com ela! Achei que não gostasse de mim.”

“Ela seria uma idiota se não gostasse de você, mana.” Disse-lhe Liz, sem levantar os olhos da areia fina branca. “No entanto, parece que vai chover. E você sabe que aquele caminho até a ilha é perigoso quando o mar está revoltado.”

“Cheguei a mencionar isso ao Charles, e ele sugeriu que fôssemos logo, para aproveitar a carona dele.” Jane concluiu, com as bochechas vermelhas.

“Fôssemos? Você e Charles, você quer dizer?” Liz finalmente olha para a face da irmã.

“Não, Liz. Eu, Charles e *você*. Ele percebeu que eu ficaria desconfortável em ir sozinha, então estendeu o convite a você.”

“Ele pode gostar da minha companhia, mas a irmã e o amigo jamais aprovariam o convite, Jane, tenho absoluta certeza.”

“Por favor, Liz!” Jane implora, e Lúdia gargalha ao perceber que Lizzie não conseguirá, como sempre, dizer não à irmã mais velha.

Assim que Liz foi persuadida por Jane e lhe deu a resposta positiva, ouviram o primeiro trovão. Então, o grupo se separa: Jane, Charles e Liz foram buscar algumas coisas para as duas irmãs passarem a noite na ilha. Lúdia foi arrastada até a pousada mais próxima, de um amigo dos pais, e Marcelo, para algum outro lugar.

Quando as duas irmãs e o americano finalmente chegaram à casa dos pais, a chuva já lhes havia alcançado. Liz ficou imediatamente preocupada com a viagem que ela, Jane e seu pretendente fariam em alguns minutos.

O temporal não perturbou o mar o suficiente para impedir a viagem. O trajeto fora mais movimentado que o

passaio que haviam feito naquela manhã, mas não haviam corrido qualquer perigo.

Entretanto, ao chegarem à Ilha Paraíso, a tempestade tornou-se mais agressiva, e foram castigados por uma chuva torrencial. Liz não disse nada, mas temia ficar presa mais de uma noite naquele lugar. Mesmo aquele céu na terra poderia se tornar um inferno por conta de alguns de seus ocupantes...

Mais uma vez a pobre Liz deparou-se com caras de susto ao entrar na mansão Bing. Ignorou os olhares questionadores voltados contra si, e tentou ligar para seus pais e avisar que haviam chegado bem, mas não conseguiu.

“Não há sinal aqui quando chove.” Avisou-lhe Frederick Darcy, já se aproximando. E deixando Liz desconfortável.

“Espero que pare logo.” Ela comentou de volta. “Minha mãe detesta barcos, e ficará preocupada se não avisarmos que estamos bem.”

“Sendo assim, sinto ter de informá-la que sua mãe ficará muito preocupada.” Ele disse, sério. “A previsão é de muita chuva até amanhã.”

Liz sentiu a bile na garganta. Não queria passar as próximas vinte e quatro horas com aquela mulher. Ou com Frederick. Ao menos, Jane estava lá. Charles também.

Teria que sair dali na manhã seguinte. De qualquer jeito.



O dia seguinte trouxe mais chuva, mais raios e mais ondas. Ficou claro, desde o momento em que todos na mansão acordaram, que não sairiam dali hoje. O iate foi até mesmo guardado no galpão para não ser danificado.

Ao menos, o sinal dos telefones voltou por alguns minutos. Tempo exato que levou para Liz garantir a seu pai (ou ao menos tentar fazê-lo), de que estavam bem e seguras. Antônio Augusto Benevides não era paranóico como a esposa com passeios de barco, mas a tempestade estava tão forte que o deixara aflito com seus tesouros.

Entediada com a falta do que fazer, Liz fora ajudar Charles e os funcionários a guardar alguns móveis os quais estavam no pátio da casa e corriam risco de serem levados pelo forte vento. Por insistência do anfitrião, que não desejava que ela se arriscasse, voltou à mansão quarenta minutos depois, suada e coberta de lama.

Sabendo qual seria o efeito em Caroline ao vê-la sujando o piso de mármore branco da casa, resolveu entrar no cômodo da parte de trás da casa, onde ficava a piscina aquecida, a sauna e alguns chuveiros.

Decidiu banhar-se de biquíni, e tentava tirar o máximo de lama que conseguia do único vestido de praia que trouxera. Não queria pedir à Caroline roupas emprestadas, mas agora sabia que não teria outra opção.

O lugar estava quente e aconchegante, ao contrário do jardim ensopado de onde viera. Liz percebeu que a sauna estava ligada, mas não ouviu ninguém. Provavelmente, deixavam-na assim o dia inteiro. Ela pensava sobre como precisavam de muitos painéis solares para manter aquela mansão funcionando.

Perdida em seus pensamentos e na água quente que retirava, lentamente, toda a sujeira que se acumulara em sua pele, Liz nem percebeu quando alguém se aproximou.

“Liz? Você estava lá fora? Na tempestade? Poderia ter sido atingida por um raio!” Uma voz conhecida protestou.

Para sua surpresa, era Frederick Darcy. Então, de fato, havia alguém usando a sauna. Ele não usava nada a não ser a toalha presa na cintura e estava com a pele úmida. Liz nunca havia notado os músculos de seus braços. Frederick tinha um corpo bonito, de atleta.

“Bom dia, Frederick.” Liz disse friamente. Imaginava se aquele homem orgulhoso a deixaria chamá-lo pelo primeiro nome se estivessem em sua terra natal. “Não corri qualquer risco. Estava com Charles lá fora. Ajudando-o a colocar os móveis no galpão.”

Liz saiu do chuveiro, e perde a proteção da água. Percebeu, finalmente, que ela própria também está seminua. Ele já a havia visto de biquíni antes, mas nunca estiveram a sós com tanta pouca roupa. A realização do fato fez com que o sangue subisse até suas bochechas.

Imaginou como ela deveria parecer para ele: a garota selvagem, de cabelos bagunçados e coberta de lama. Não gostava nada de se sentir julgada pelo político que via feito em tudo, menos em sua própria irmã.

Queria desesperadamente colocar de volta seu vestido, mas tanto a roupa quanto ela própria estavam encharcadas. E o pior: ela havia se esquecido de trazer toalhas. Como se lesse seus pensamentos, Frederick lhe passou uma.

Pela primeira vez desde que Frederick a surpreendeu no chuveiro, Liz ousou encará-lo para agradecer. E arrependeu-se no mesmo instante de tê-lo feito. Os olhos de Frederick Darcy estavam escuros, quase como no dia do iate.

Liz ainda não entendia o que significava aquele olhar, mas certamente não era bom. Deveria achar absurdo o estado em que ela se encontrava, especialmente na casa

dos outros. Deveria pensar que ela era vulgar, por andar por aí de biquíni. Deveria estar, naquele momento, procurando minuciosamente por defeitos nela.

No entanto, Liz não iria se deixar intimidar. Enxugou-se com a calma de quem sabe que tem um belo corpo. Sacudiu os cabelos e penteou-os sem pressa. E prendeu a toalha acima do peito com orgulho.

Vamos ver a cara dele agora. Nem deve mais estar esperando, imaginava Liz.

Mesmo assim, ele estava esperando. Com olhos mais escuros do que nunca, para a surpresa de Liz! A moça não gostava nada daquilo. Sem conseguir se segurar, todo o sangue de Liz deixou o seu corpo e se acomodou em seu rosto. Desta vez, ela sabia que nem seu bronzado seria capaz de disfarçar sua vergonha.

Frederick não somente a esperou como fez questão de acompanhá-la para dentro de casa, insistindo à Caroline que lhe emprestasse roupas secas. O que chocou ainda mais a brasileira e enfureceu a americana.

Apesar de não estar nada satisfeita com o pedido, a irmã de Charles fez o que Darcy lhe disse e trouxe alguns vestidos e roupas íntimas para Liz. Ainda sem graça com toda a situação, ela agradeceu sua anfitriã e saiu do cômodo sem conseguir encarar nenhum de seus ocupantes.

Por que aceitei vir até este lugar? Perguntava-se Liz, já arrependida de sua decisão.

Mal sabia ela que Caroline Bingley se perguntava a mesma coisa. Por que ela estava ali, se a convidada tinha sido Jane? Não gostava nada da companhia daquela moça arrogante. E ainda teria de suportá-la mais alguns dias, de acordo com as previsões meteorológicas que ela vira nos poucos minutos que tiveram sinal.

E também não lhe agradava nada a forma como Fred a encarava. Ele lhe havia dito que achava todas as mulheres da família Benevides, exceto pela companheira de seu amigo, ridículas e inadequadas. Somente o pai era considerado minimamente tolerável. Darcy havia particularmente falado da postura pedante de Liz, apesar de ter admitido que havia uma beleza “diferente” nela.

“Mantenha seus amigos próximos e seus inimigos, mais próximos ainda.” Raciocinou Caroline. Ela concluiu que não deixaria Liz sozinha com Fred. Mal sabia ela que Liz tinha o mesmo plano.



Naquele dia jantaram comida típica do estado natal do patriarca Benevides. Moqueca baiana, com peixe e camarão, acompanhada de farofa com azeite de dendê. Liz, que ajudava a cozinheira a preparar o prato (e quem o sugeriu também), explicava aos estrangeiros que a culinária baiana tinha forte influência da africana.

Liz temia a postura de Frederick Darcy para com ela, pois eles não estiveram juntos desde o momento estranho no chuveiro. Contudo, por sorte, ele a ignorou toda a refeição. Caroline, como de praxe, passou o jantar tentando iniciar conversas com o melhor amigo de seu irmão inúmeras vezes, só que recebia como respostas apenas palavras monossilábicas. Depois de um tempo, desistiu e participou esporadicamente na conversa de Charles com as duas brasileiras.

Em relação à comida, o resultado foi o que Liz desejava também. Os convidados se deliciaram com o prato, que além de apetitoso os agradou pelo aroma exótico e cores vibrantes. Apesar de Liz ter lhes advertido que o

molho apimentado poderia ser forte para o estômago daqueles que não estavam acostumados, os três americanos repetiram o prato.

E, como previsto, pouco tempo depois dirigiram-se aos seus respectivos banheiros.

Liz e Jane divertiram-se com a reação de seus anfitriões, e seguiram até a piscina coberta da mansão às gargalhadas. Como Liz sentiria saudades de sua irmã querida! Nesse momento de cumplicidade, questionava-se se conseguiria passar muito tempo longe dela.

“Bem, pelo menos posso passar alguns finais de semana com ela em Nova Iorque. Ou vice-versa. São cidades relativamente próximas.” Calculava Liz.

Ambas adoravam banhar-se nas noites calorentas do verão de Búzios. E é isso que elas fariam para se refrescar da comida apimentada. Apesar da água ser aquecida... Conversaram, nadaram, riram, divertiram-se. Como esta ilha podia ser agradável sem a presença cansativa de Caroline e Frederick!

E como o mundo era colorido com Jane por perto! Seu jeito fácil, seu otimismo inabalável, sua gentileza sincera... Ela era única. Ela era pura. Honesta e constante. Liz estava ao seu lado, mas já sentia sua falta! E o pior é que perderia a companhia diária de Lotte também.

De repente, a alegria dela dissolveu-se em agonia. Todavia, sabia que seria por uma boa causa. Ela queria ser escritora e editora desde sua adolescência. Não fora uma decisão apressada. Fora uma decisão tomada ao longo de uma década. E, ela tinha certeza, fora a escolha certa.

Ela até pesquisou em que estado estudaria, para que se adequasse aos seus desejos profissionais! Quando seu pai lhe deu a opção de estudar nos Estados Unidos, escolhera

a Nova Inglaterra por conta de sua tradição literária, que ainda remanesce nos dias atuais. Chegou a pensar também na bela e divertida Califórnia, que abrigava alguns dos melhores cursos de literatura do mundo. Não obstante, acabou decidindo ficar em Massachusetts.

Por lá, já haviam passado grandes nomes da literatura americana, desde Robert Frost a Theodor Seuss. E alguns escritores famosos da atualidade, como Stephen King, ainda eram residentes. Ou seja, o lugar perfeito para uma novata como Liz!

Depois de escolhida a Universidade de Boston, só sobrou a Lotte e Jane seguirem seus passos. Assim o fizeram e ficaram agradecidas pela escolha de Liz. Como sempre acontecia.

Jane removeu-a de seus pensamentos anunciando que iria dormir. Liz preferiu permanecer um pouco mais na piscina. Somente sairia quando seus dedos ficassem enrugados.

Relaxou e deixou sua mente voar, sentada na parte mais rasa da piscina, com a cabeça apoiada em uma das bordas. Despertou quase uma hora depois, embaixo de um céu estrelado preto.

Adorava o teto envidraçado do lugar. Protegia da chuva e permitia ao seu visitante que se sentisse ao ar livre.

Entretanto, Liz não estava mais sozinha. Não sabia quem era o intruso, porque escondia seu rosto nas sombras. Mas desconfiava. Frederick Darcy. E ele parecia estar olhando em sua direção. Liz o encarou de volta, esperando alguma atitude daquela figura. Nada. Finalmente, rompeu o silêncio:

“Já que você, seja lá quem for, não tem nada o que fazer a não ser vigiar os outros, poderia, por favor, me pas-

sar a toalha?” Liz queria soar destemida, mas sua voz saiu levemente trêmula.

Até agora, Liz acreditava ser Frederick Darcy. No entanto, não tinha pensado no que faria se fosse, de fato, um intruso. Crimes não eram muito comuns em Búzios, a não ser alguns furtos no verão contra turistas desprevenidos. Especialmente, estrangeiros. E ela estava na casa dos gringos mais ricos da cidade.

Porém, estava em uma ilha! E chovia muito! Não poderia haver intrusos.

Por outro lado, Charles lhe dissera naquela mesma manhã que não conhecia bem alguns dos funcionários que ajudavam com a manutenção da ilha. Será que havia um penetra entre eles?

Sua aflição surgia do estômago enquanto o estranho se aproximava com uma toalha. Ele tinha a altura de Frederick, mas seria mesmo ele? Se sim, por que não dizia nada? Liz afastou-se da borda onde eu estava encostada para prevenir um ataque inesperado. O rosto do desconhecido continuava protegido pela escuridão, deixando-a cada vez mais apavorante.

“Perdoe-me por tê-la assustado.” Finalmente, disse-lhe a voz familiar. Suas suspeitas se confirmaram. Liz não sabia se ficava mais tranquila ou ainda mais perturbada. Por que ele a estava vigiando?

“Obrigada.” Ela lhe responde friamente ao tomar a toalha de suas mãos. Ao menos desta vez, Frederick Darcy volta o olhar para a parede envidraçada com vista para o oceano enquanto Liz se enrolava na toalha.

Quando ficou devidamente coberta, ele retorna o olhar em sua direção. Desta vez, Liz não estava seminua, mas isso não a impediu que se sentisse desconfortável. Não

sabia o que dizer àquele homem sempre à procura de defeitos, e ele também se mantinha calado.

Quanto tempo ficaremos aqui, nos encarando que nem dois idiotas? Liz pergunta à sua própria consciência, mas não recebe resposta. Frederick chegou a mover os lábios algumas vezes na tentativa de criar um tópico, mas falhou em todas.

Uma porta lateral aberta trouxe uma leve brisa, que levou o perfume de Darcy às narinas de Liz. Mesmo sem querer admitir a si mesma, ela achou o cheiro agradável. E, de perto, seus olhos azuis tinham um tom lindo, escuro e profundo, como o oceano sob o céu estrelado de hoje.

“Eu não quis incomodá-la.” Ele finalmente rompe o silêncio constrangedor. “Mas nós temos o mesmo hábito noturno. Eu também uso a piscina à noite, só que para nadar”.

Por um lado, Liz sentiu que ele desejava lhe dar uma bronca por usar a piscina dele no horário dele. No entanto, sua entonação também tinha algo de convidativo. É como se ele tivesse... gostado de ter sido surpreendido por sua presença. Tão diferente da indiferença que demonstrou durante todo o jantar poucas horas atrás!

Ok. Nada de piscina à noite na casa dos Bings. Liz pensou. Pediu desculpas a Frederick por tê-lo impedido de fazer seu exercício diário e entrou de volta na casa antes que ele pudesse lhe responder.



A chuva voltou ainda mais forte durante a madrugada, deixando o mar ainda mais revoltado. Mais um dia presa aqui, avalia Liz, olhando pela janela do quarto de visitas que dividia com Jane.

Ao menos, a casa maravilhosa que Charles alugou era preparada para divertir seus residentes mesmo durante uma tempestade. Se quisessem jogar, havia um salão de jogos, com sinuca, mesa de cartas, *video game*, futebol de mesa, e um bar com mais bebidas do que qualquer um poderia consumir em uma vida inteira.

Se quisessem fazer exercícios, havia sala de ginástica. Assistir a filmes, havia um cinema com capacidade para cinquenta pessoas. E, finalmente, se quisessem relaxar e se banhar, poderiam ir à piscina coberta com água aquecida e com vista panorâmica para as belas praias de Búzios.

Estavam tão perto e tão distantes ao mesmo tempo. Mesmo com a chuva, Liz podia ver a cidade de que já sentia muita falta do outro lado do perturbado oceano! Como desejava estar ali, com seus pais, suas irmãs e Lotte! Seus amigos, seus vizinhos, sua casa.

Naquela manhã, o grupo ilhado decidiu passar o tempo na piscina coberta. Liz e Frederick estavam deitados em espreguiçadeiras, acompanhados por uma entediada Caroline, que buscava chamar a atenção de seu vizinho ao passar lentamente bronzeador por todo seu corpo. O fato de que o dia estava nublado e não havia qualquer sol parecia ter passado despercebido por Caroline.

Jane e Charles conversavam sobre o futuro de suas carreiras à beira da piscina. Falavam sobre a coincidência de que a carreira dos dois os levaria às mesmas cidades: Búzios e Nova Iorque.

Jane ainda não sabia se tinha sido aceita ou não no estágio para um dos maiores escritórios de direitos autorais do mundo. Mesmo assim, seu destino estava decidido: iria à cidade que não dorme de qualquer maneira, o que deixava Charles esperançoso. O fato de que a decisão

fora tomada depois que os dois se conheceram também animou o empresário americano. Não queria se separar de Jane quando deixasse Búzios. E ela o havia informado que deveria voltar aos Estados Unidos em breve.

“É tão gratificante poder trabalhar com aquilo que se ama de verdade, não acha?” Charles pergunta à Jane. Quem responde é seu amigo Fred, que até então estava distraído com um livro do brasileiro Jorge Amado, presente de Antônio Augusto Benevides, quando soube da paixão de Darcy por livros.

“Acho mais egoísta que gratificante. Especialmente, em seu caso, Charlie. Sua família precisa de você nos negócios. Agora, quem ficará à frente do grupo?”

“Alguém com muito mais capacidade na indústria que eu.”

“Não é a mesma coisa. A empresa está nas mãos de sua família desde a criação, há quase um século! O seu bisavô foi o presidente, depois seu avô, e agora é o seu pai. Agora você vai desistir disso? Como seus familiares devem estar desapontados sem seu apoio!”

“Então, você acredita que seu amigo deveria ter desistido de seus próprios sonhos e ser infeliz em um emprego que detesta?” Liz entra na discussão, abismada com as opiniões radicais de Frederick.

“Não, minha cara. Acho que ele poderia ter desistido de uma profissão utópica para ter uma vida familiar feliz.”

“Vida familiar feliz? Como poderia ele ser feliz fazendo algo de que não gosta? Como poderiam seus familiares ser felizes sabendo que Charles está infeliz por causa deles?”, replica Liz.

“Como você sabe que ele não gosta de ser presidente da empresa da família? Talvez não seria tão feliz profissio-

nalmente como é hoje. No entanto, acredito que sua paz familiar compensaria isso”, retruca Darcy.

“Certamente, os negócios da minha família não são nada comparados àqueles da família Bing. Mas as situações são parecidas, então posso me dar ao direito de me colocar no lugar de Charles. E devo dizer: não há nada que traga maior realização do que conquistar suas próprias coisas. Eu poderia cuidar das pousadas dos meus pais e garantiria uma vida relativamente confortável assim. Porém, prefiro arriscar. Prefiro chegar ao final da minha vida me arrependendo de coisas que fiz do que daquilo que nunca tive coragem de fazer.”

“Então, Liz, em sua opinião, todos devemos fazer o que nos dá na telha sem pensar nas consequências para aqueles que nos amam.”

“Não disse que devemos ser inconsequentes, Frederick. Sou contra decisões tomadas de forma apaixonada sem levar em conta os prós e contras. Entretanto, sou igualmente contra sofrer em nome da satisfação familiar, como você deseja. Talvez nossa discordância seja fruto de nossos defeitos. No meu caso, há um orgulho em minha personalidade que não permite que eu haja contra as minhas convicções. E esse orgulho levanta-se todas as vezes que outros questionam minhas decisões. Qual é o seu defeito?”

“Acredito que o meu defeito, baseado em seu discurso, seja me importar mais com minha família do que comigo mesmo.”

“Pois, se me permite, vou dizer qual é o seu defeito: é o de acreditar que sua opinião está correta e que aqueles que o questionam devem ser loucos e irresponsáveis.”

“Então, cara Liz, se me permite, também vou lhe di-

zer qual é o seu defeito: é o de propositalmente distorcer as opiniões alheias que discordam das suas, fazendo com que pobres criaturas como eu pareçam frias, especialmente quando próximas de tão charmoso calor.”

Liz queria responder à afronta daquele homem, mas o sorriso doce em seus lábios enquanto dizia aquelas palavras a impediu. Ele parecia estar se divertindo com a discussão. Provavelmente, gostava de ver Liz sem graça e, milagrosamente, sem resposta. E o que ele quis dizer com “charmoso calor”? Quem era o “charmoso calor”? Ela?

Caroline parecia também não estar nada satisfeita com a resposta de Fred e muito menos por não estar participando da discussão. Resolve interrompê-la com um convite a Liz para que tomem uma chuveirada para se refrescarem um pouco.

“Apesar de estar chovendo, faz muito calor. Sobre tudo, aqui dentro, com todo o vapor da piscina e da sauna...”, explicou Caroline, ao ver a surpresa de Liz com o convite inesperado.

Liz, contrariada, mas ciente da grosseria que faria se não atendesse ao pedido da ruiva, tomou seu braço estendido e levantou-se. Mal abriram um dos chuveiros, que ficavam na parte de trás da piscina e em frente à espreguiçadeira onde estava Frederick Darcy, Caroline estendeu o convite ao melhor amigo de seu irmão.

E o mesmo respondeu que iria declinar o convite, pois atrapalharia o propósito delas.

“Que propósito?” Pergunta-lhe Caroline, contente por finalmente ter conseguido uma frase inteira de Fred.

“Bem, vocês somente podem ter dois motivos para terem saído desta postura confortável em que estavam para ir ao lado oposto do cômodo. Ou querem trocar segredos

e não desejam ser ouvidas, ou são conscientes de que suas belas figuras ficam em melhor vantagem enquanto estão de pé, encharcadas, a certa distância de seus pobres admiradores. No primeiro caso, eu seria inconveniente, no segundo, posso admirá-las muito melhor de onde estou.”

Todos caem na gargalhada, exceto Liz. Primeiro, pela seriedade no rosto de Frederick enquanto respondia algo tão diferente de sua conduta formal. Em segundo lugar, porque as piadas daquele homem sisudo eram tão raras que tinham de ser aproveitadas ao máximo quando elas milagrosamente aconteciam.

O único que não gostou de suas palavras, além de Liz, foi o próprio. Piadas (especialmente apimentadas como a que ele havia feito) significavam que ele estava em perigo, pois só aconteciam quando ele estava completamente descontraído e relaxado. Talvez estivesse demais. E ele sabia a causa: *ela*.

De repente, a vontade curiosa de conhecer Liz melhor foi transformada em desejo que o sol surgisse logo entre as nuvens carregadas para que as duas pudessem ir embora. As eleições seriam ainda este ano, e ele não poderia perder seu tempo com pessoas com as quais sabia que não tinha qualquer futuro.

Foi naquele momento que Frederick Darcy decidiu não dar mais atenção que o estritamente necessário a Liz Benevides. Ponto.



A noite passou bem para quase todos na mansão. Jane e Charles conseguiram ficar a sós pela primeira vez desde que ela chegou à mansão. Liz terminou de ler, pela

décima vez, *A hora da Estrela*, escrito por uma de suas autoras brasileiras favoritas.

Caroline teve a atenção de Fred por duas horas inteiras, enquanto assistiam a um dos favoritos dele: *Star Wars*. Ela não sabia qual deles era, e não se importava. Somente ela havia sido convidada para acompanhá-lo ao cinema da casa.

Frederick Darcy era o único que se sentia deslocado. Ele tentara passar o dia ignorando Liz, conforme havia planejado, mas a resolução na tela somente levava seus olhos e sua mente até ela mais vezes que antes.

Então, à noite, decidiu que não ficaria no mesmo cômodo que ela até que as irmãs fossem embora. O que foi ainda pior, pois ele passou o tempo todo imaginando o que ela estaria fazendo, a poucos metros dele naquela ilha.

Contudo, para Jane e Charles, a noite foi simplesmente perfeita. Eles aproveitaram a separação de todos para terem um pouco de privacidade. Charles convidou a mulher que considerava a mais bela que já havia conhecido para uma sessão de *Tarde demais para esquecer*. Descobriria, por Liz, que se tratava de um dos filmes favoritos de Jane.

Jane topou o convite. Sabendo que seria sua única chance, Charles preparou tudo cuidadosamente. Primeiro, expulsou a irmã dela e o melhor amigo da sala, e avisou a todos os demais ocupantes que aquela ala inteira teria acesso proibido naquela noite. Depois, preparou diversos lanches de cinema: pipoca salgada e doce, cachorro-quente, e até um lanche brasileiro: pão de queijo. Mesmo não combinando com a comida, separou o melhor vinho da adega, e apagou todas as luzes daquela parte da mansão. Deixaria apenas a luminosidade do telão. O toque final foi a música de fundo que deixou enquanto o filme não começava: as melhores canções de Frank Sinatra.

Jane, que já imaginava as intenções de Charles quando recebera o convite, teve sua suspeita confirmada ao ver tudo arrumado. Achou tudo lindo, romântico e simplesmente perfeito! Sabia que não haveria cenário ou momento melhor para ficarem pela primeira vez.

Não que ele nunca havia deixado claro que tinha vontade de beijá-la ou mais. No entanto, Jane sempre havia se esquivado de suas tentativas, por medo de Charles julgá-la uma mulher fácil.

Hoje, decididamente não fugiria de suas investidas. Sabia, a esta altura, que Charles a respeitava o suficiente para ir longe demais. Sabia que ele seria romântico, doce e gentil. Não iria rápido demais, e ela não teria de desacelerá-lo. Iriam no ritmo certo para ambos.

E foi assim que aconteceu. As expectativas de ambos foram superadas. As dele, porque não esperava que a recepção de Jane seria tão calorosa. As dela, porque mesmo em seu melhor sonho Charles não era tão delicado e, ao mesmo tempo, energético.

Foi a combinação perfeita para uma noite perfeita. Os toques de Charles eram gentis, mas firmes. Seus beijos eram românticos, mas também sensuais. Alisava seus cabelos com carinho, mas também havia um desejo desesperado, o qual deixou Jane deliciada. E, na hora em que as coisas estavam ficando íntimas demais para ela, ele encerrou a noite.



O dia seguinte trouxe boas novas para Liz e Caroline: a noite não oferecera nova tempestade, o dia amanheceu ensolarado e o mar, calmo. Então, as moças Benevides

poderiam ir embora de barco. Liz se livraria dos olhares estranhos de Darcy e do mau humor de Caroline. Caroline se livraria de Liz.

Jane e Charles não gostaram nada da notícia: queriam que a noite anterior fosse repetida ao menos uma vez. Frederick não sabia ao certo se gostava ou não da partida das irmãs, particularmente da mais nova.

Ficou acertado que Charles e Frederick fariam o trajeto no iate com as irmãs, e as deixariam na casa dos Benvides. Liz não entendeu por que Frederick, que a havia ignorado por completo no dia anterior, agora insistia em acompanhá-las até em casa. Provavelmente, queria apenas ficar um pouco longe das investidas de Caroline Bing.

Frederick e Liz, percebendo o claro interesse de Jane e Charles de ficarem a sós na proa do iate, vão até a mesa de refeições, na parte de dentro, e sem qualquer vista para o novo casal.

O problema é que, com os dois sozinhos na proa e o capitão à frente da embarcação, Liz e Frederick acabaram sozinhos em um silêncio ensurdecedor. Liz queria conversar para distraí-los, mas não tinha ideia do que dizer. Frederick, por outro lado, sabia exatamente o que queria dizer, mas lhe faltava... algo que sobrava em Liz.

A brasileira estava se indagando sobre sua falta de sorte. “Por que”, perguntava-se ela, “toda vez que nos sentimos desconfortáveis com uma pessoa, mais situações desagradáveis surgem com ela, e somente com ela?” Pergunta-se o que não conseguiu responder, pois Frederick finalmente criou coragem para iniciar uma conversa.

“Você disse na piscina que entendia a situação de Charles. Isso quer dizer, obviamente, que não pretende seguir com os negócios de seus pais.”

Frederick olhou de relance para sua companheira de viagem a fim de ver sua reação. Ela estava com um olhar desconfiado, mas não parecia incomodada com a pergunta. Parecia curiosa para saber por que ele a havia feito. Liz confirmou com a cabeça, permitindo que Frederick siga com a indagação.

“E você comentou que não tomaria tal decisão sem ter antes refletido.” Ele continuou, quando Liz não disse nada. “Posso, portanto, supor que você já saiba exatamente que carreira deseja seguir.”

“E eu posso supor que você queira saber que carreira é esta.”

Liz não sabia qual era o motivo do interesse. Preferiu acreditar que era uma forma de Frederick deixar os dois amigos namorando confortavelmente sem que eles próprios ficassem ainda mais sem graça do que já estavam. Sentiu-se agradecida por ele ter vindo junto, por mais que não tivesse inicialmente gostado da ideia.

“Fiz curso de Literatura com bolsa parcial na Universidade de Boston e agora consegui uma bolsa integral para fazer um mestrado na mesma área. E na mesma universidade.”

“Sim, disso eu já sabia.” Liz se pergunta como ele já sabia. Nunca haviam conversado muito, e jamais sobre a carreira acadêmica dela, tinha certeza. “Quer saber o que pretende fazer depois disso. Quer dar aula?”

“Gostaria muito de dar aula, mas não agora. Talvez em uns dez anos. Neste momento, quero ser editora. Adoraria conseguir um trabalho de meio período em uma empresa do ramo para já começar a ter experiência. Veremos. Também tenho vontade de publicar alguns livros, nem que seja de forma independente.”

“Livros? Já escreveu alguma coisa? Que gênero seria?”

Liz gostou da tentativa de Frederick de distraí-la, mas agora ele está soando um pouco impertinente. Parecia mais curioso do que deveria, de fato, estar.

“Escrevi diversos contos durante a adolescência, e um romance quando participei de um concurso durante a faculdade. Foi uma adaptação moderna de *Gatsby*, uma de minhas obras favoritas. Troquei a crise de 29 pela de 2008, e a história se passa em Nova Iorque, no Maine e no Brasil.”

“E qual foi o resultado do concurso?”

“Hum...” Liz estava agora mais incomodada do que se estivesse escutando os beijos da irmã e Charles. Não queria parecer esnobe como este homem sempre tentava ser. Porém, tinha que lhe responder, agora que havia começado a lhe falar sobre o livro. “Fiquei em primeiro lugar. Dei sorte, pois foi um ano com pouca concorrência.”

“Não precisa de modéstia. Ganhou porque foi a melhor. Tem que se orgulhar disso.”

“Bem, a linha entre orgulho e vaidade é muito tênue; então, prefiro não sentir nenhum deles.”

“Pode até ser tênue, mas são coisas diferentes. Enquanto um está relacionado à forma como você se vê, o outro está ligado a como você quer ser vista pelos outros. De qualquer maneira, não importa. Mesmo que você não se orgulhe de si mesma, sei que sua família o faz por você.”

Liz esperava traços de sarcasmo em sua voz ou em sua face. Mas não achou. Ele realmente tinha feito um comentário honestamente gentil.

“E qual foi o prêmio? Dinheiro?” Ele continuou o interrogatório depois de alguns momentos de silêncio. Agora Liz desejava que o silêncio desconfortável voltasse.

“Não. Algo muito mais valioso que isso. Eles distribuíram cópias do livro a todas as bibliotecas e universidades do estado.”

“Realmente, um prêmio inestimável. Então, posso encontrar seus livros em Harvard? No MIT?” Ele perguntou, impressionado. Novamente, nada de irônico no tom de sua voz, mais uma vez surpreendendo Liz.

“Sim. Em todas as universidades do estado da Nova Inglaterra. O que me ajudará bastante quando for procurar trabalho.”

“Certamente. Você mencionou que o ambientou também no Maine. Já foi para lá?”

Pelo menos, ele havia mudado de assunto. Viagem era um tema mais leve para conversar. E um dos favoritos de Liz.

“Acredite se quiser, não. Fui diversas vezes a Nova Iorque visitar meus tios, cheguei até a ir ao Canadá. Mas nunca viajei pela Nova Inglaterra em quatro anos de faculdade!”

“Ao menos, você terá uma segunda chance. Poderá visitar todos os cantos da Nova Inglaterra enquanto estiver no mestrado. E o melhor: há muitos lugares para conhecer em um final de semana. Podemos até mesmo combinar de...”

Frederick não concluiu a frase e Liz achou melhor assim. Por sorte, nem deu tempo de ficar um clima estranho entre os dois: já haviam chegado ao porto. Em poucos minutos de caminhada, nos quais o exercício foi distração suficiente e não precisaram trocar palavras, chegaram à casa dos Benevides.

As moças agradeceram e despediram-se. Uma pretendendo rever um dos ocupantes do carro em algumas

horas. A outra com uma pretensão oposta em relação ao outro ocupante.



Primeiras Impressões é uma adaptação moderna do clássico Orgulho e Preconceito de Jane Austen. O romance eterno de Lizzie e do Sr. Darcy é situado desta vez entre paisagens paradisíacas do Brasil e cenários surpreendentes dos Estados Unidos, em um relacionamento complexo entre uma carioca sarcástica e brilhante e um político americano de uma família conservadora.



EDITORA
KIRON

